

---

# Exórdio

## Entre fendas e confinamentos

---

### *O histórico muro...*

Em novembro de 1989, momento em que a Europa se encontrava dividida entre socialista e capitalista, o célebre violoncelista Mstislav Rostropovitch, então banido da URSS, chegava atônito e emocionado diretamente de seu apartamento parisiense para assistir à queda do muro de Berlim e participar à reunificação de vidas e histórias. Ainda no táxi, enunciara que «as palavras são inadaptables para expressar certas alegrias. Pobres, os vocábulos, insignificantes, insuficientes! Mas a música está lá. Bach, evidentemente, sempre»<sup>1</sup>. Instalado ao pé do muro pleno de *tags*, munido de uma cadeira emprestada, procedeu então à sua «celebração pessoal» para «agradecer a Deus», ofertando em seguida a Sarabanda (suite por violoncelo de Bach), em homenagem àqueles que morreram tentando transpô-lo. Momento único, imortalizado de forma furtiva por uma tela fotográfica que depois correu o mundo, imagem única que revivesce ainda hoje. Sem fazer política, sem ser dissidente, sem ter escolhido o exílio, Rostropovitch «não teria jamais tocado tanta música russa se não houvesse o exílio», como ele próprio afirmou. Prokofiev

---

<sup>1</sup> Tradução nossa. *In*: «Le maestro et le mur». *Le Monde*, edição de 10, 11 e 12 de novembro de 2019, 'Horizons', p. 15 [artigo originalmente publicado em 1997, assinado por Annick Cojean]. No original : " Les paroles sont inadaptables pour exprimer certaines joies. Pauvres, les mots, falots, insuffisants. Mais la musique est là. Bach bien sûr, toujours. »

e Chostakovitch, que ele venerava, interpretava e celebrava nas cenas mundiais de prestígio à época, «essa música era o fio que o [me] ligava à sua [minha] pátria»<sup>2</sup>; o que desvela que toda expressão artística se nutre de uma força e de um efeito político qualquer.

### *Mais muros.*

Hoje, 09 de novembro (data em que escrevo), 30 anos da queda dessa «demência histórica» que foi o muro de Berlim, nos damos conta timidamente da reaparição do espectro dos limites, cercas, divisas e fronteiras, com o surgimento de muros de outra espécie pela Europa supostamente ‘reunificada’. A integração à União Europeia parece ter suscitado em certos países um sentimento deficitário quanto à identidade nacional (o sociólogo Georges Mink fala em necessidade de percepção de uma história anterior ao comunismo como cimento da consciência coletiva<sup>3</sup>); déficit devidamente instrumentalizado por interesses políticos. Face a uma narrativa europeia, as elites populistas opõem uma perspectiva nacionalista, ao tempo em que parcelas da sociedade civil se sentem largadas e à margem, ratificando líderes extremistas aqui e ali, elegendo outros ao poder, na Hungria, Polônia, Áustria, etc. As fendas talhadas na democracia revelam que a tolerância está em baixa enquanto o extremismo não cessa de crescer. Elites populistas conseguem mobilizar grupos de excluídos para reivindicar a soberania de nações em detrimento de uma real união europeia. A expansão e união do bloco são agora chacoalhadas pela dessolidarização [como provou o Brexit], uma *première* desde o início da construção dessa ideia, muito antes de sua constituição oficial. Reintroduzem-se então novas-velhas fronteiras, novos muros.

---

2 Ibid. No original : « Cette musique était le fil qui me liait à ma patrie. Sans doute n’aurais-je jamais joué autant de musique russe s’il n’y avait eu l’exil. »

3 In : « Trente ans après la chute du mur de Berlin : Les élites populistes perçoivent l’UE comme un nouveau Moscou », *Le Monde*, edição de 08 de novembro de 2019. Entrevista concedida a Isabelle Mandraud et Philippe Ricard

### *Outros muros !*

Assim como foram, de fato, elevados muros novos em outras partes do mundo, como no Oriente Médio ou na América do Norte. Apesar da conquista de liberdades e do aumento do nível de vida de forma geral, o que vemos entre os modos de perceber e de dirigir o mundo e suas tantas sociedades é o aumento de populismos e extremismos em esfera global, estes danosamente sectários para as populações e o futuro do planeta. Os novos ares de liberdade e de criação – tão anunciados e aguardados após a queda do Muro de Berlim, em 1989, não se confirmaram com sua derrubada, como esperado.

Nos vindos tempos da internet, sem nos servirmos da memória disponível em rede e desconsiderando o passado, impetramos novas guerras, inventamos os atentados terroristas, reeditamos as intolerâncias e imaginamos novos muros segregacionistas em plena era da globalização e da banalização da mobilidade planetária. Entre os conflitos e o desmantelamento da Iugoslávia, a guerra no Iraque ou os massacres em Ruanda, os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que culminaram com a destruição das torres gêmeas em Nova Iorque e a consequente morte de milhares de pessoas, firmaram um grande divisor de águas. Eis que o homem se coloca então incessantemente em cena, sujeitando-se a uma exposição desmedida e invasiva através das redes, blogs e instâncias da internet. Apesar da esfera pública da *web*, empreende ali um voo solitário, temível e excessivamente individualista, isolando-se e sectarizando-se, apesar da ilusão dos espaços de encontro e das comunidades às quais se filia nas redes sociais. Choque de liberdades.

### *Criação entremuros.*

Toda expressão artística (no entrelaçamento entre as artes e a literatura) se nutre de um efeito político qualquer, assim como depreende um posicionamento político de

qualquer espécie. Todo homem sendo por natureza um animal político, já nos dizia Aristóteles.

No campo das artes e da literatura, o capitalismo fomentou suas marcas nos mais diferentes domínios e grifes de champagne e de bolsas de luxo tornaram-se os grandes financiadores de galerias e museus da atualidade, como a *Fondation Louis Vuitton*, em Paris, mecenato de arte, cultura e patrimônio do grupo empresarial LVMH. Outros grupos à frente da *Fondation Cartier*, da *Fondazione Prada* e semelhantes detém importantes espaços, obras, artistas e acervos mundo afora. A cultura, ao se tornar fator essencialmente econômico e alvo de todo tipo de isenções fiscais, fomentou o custeio do cinema e da dança, por exemplo, por companhias petrolíferas [a Petrobrás, no Brasil], bancos e empresas de todo tipo. A literatura sorveu-se do *marketing* agressivo em sua política de edição e na relação com os autores e o público. De forma geral, assistimos a arte se servir e girar em torno dos decisores econômicos.

Da irreverência da *pop art* dos anos 50-60, passamos à arte de Jeff Koons, atravessada pela publicidade ou às campanhas publicitárias para empresas capitaneadas por artistas do gosto *grand public*, como o pernambucano Romero Brito. Da experimentação dos surrealistas, constatamos o enrijecimento dos modelos e a presença de um academicismo sem muita audácia. Proliferam obras do politicamente correto, hoje as tantas ecologicamente corretas, de um estilo constituído em torno de variações de tonalidades de uma única cor, de uma mesma paisagem nostálgica ou de um só conjunto de árvores [contexto de recentes exposições da artista sueca Katarina Axelsson].

A folia das ‘selfies’ iniciada há alguns anos colocou em evidência a arte narcísica, indo ao encontro da exposição superabundante de si nas redes sociais. Em imagens no Instagram, pelas palavras em diário via Facebook ou nos ‘twits’ trocados com “seguidores”, tal cultura narcísica nos parece incapaz de pensar o contemporâneo.

Trinta anos passados após a queda do Muro de Berlim em 1989, evidentemente que o advento da era digital e a globalização da vida, dos hábitos, dos espaços e das experiências humanas têm provocado forte impacto no campo artístico e literário, colocando a obra dentro de uma economia substancialmente visual, assim como seus atores e agentes. Assim como não se pode negar que os principais acontecimentos políticos do período desencadearam, de toda forma, diferentes elos possíveis com a literatura, as artes plásticas, fílmicas, dramáticas e visuais, que são para nós de forte interesse investigativo.

Os contrastes marcam de forma substancial os artistas da atualidade. Se por um lado o artista frui da existência em uma era de livre e fácil acesso e alcance [a todo tipo de mercadoria, status e território], inscrito no momento em que se comemora o *empowerment* dos indivíduos; por outro lado, vivencia a dura experiência de destituição, de expropriação, de minorias cada vez mais excluídas do centro (mesmo que ali transitem). Muitas trajetórias culturais sensíveis da atualidade expressam esse desconforto, o exílio, a impotência; seja nas imagens do resistente e singular cineasta Jean-Luc Godard, nas fotografias de um Sebastião Salgado, nas esculturas do artista chinês Ai Weiwei, nos textos do romancista Michel Houellebecq, no discurso do escritor e cineasta afegão Atiq Rahimi ou nos quadrinhos, por vezes híbridos, de jovens autores de BD em torno do fenômeno da imigração [Zeina Abirached, Halim Mahmoudi], da misoginia [Penélope Bagieu, *Les Culottées*] ou da escravidão e do racismo [Marcelo D'Saete].

Face ao enrijecimento global das mentalidades e das instituições e de suas relações com a comunidade acordamos aqui a palavra a artistas, intelectuais, agentes culturais e pesquisadores para testemunharem, refletirem ou apenas se expressarem em torno da criação artística e o contexto político dos últimos 30 anos. Momento em que a solidão humana parece fervilhar em plena era das redes e que a ideia de comunidade parece se deteriorar em meio à explosão do digital; tempo em que assistimos à deterioração e à

banalização das formas de exílio e em que novas formas de fronteiras e muros pululam e se edificam pelos espaços de circulação comum. Momento político violento e de intolerâncias, no qual precisamos bradar contra o sufocamento da educação e o sucateamento da cultura. Momento em que se faz necessária a oposição a indivíduos/grupos extremistas e excessivamente ensimesmados em suas próprias individualidades. Momento, então, para resistir e para aglutinar as forças necessárias para reconstruir.

Agradeço aqui aos professores Leila de Aguiar Costa e Gérard Wormser que me apoiaram na organização desse número, assim como a todos aqueles que nele se engajaram e que se propuseram a partilhar tal reflexão.

*PS.* Acrescento esta nota no mês de março de 2020, quando o número estará definitivamente completo em sua publicação, para dizer que nenhum dos organizadores não podia prever ao momento da redação da chamada para comunicações, que a problemática do enclausuramento e dos muros, que concernia inicialmente a relação das *avant-gardes* com a sociedade, se transformaria no cotidiano de toda a humanidade, hoje confinada em suas casas pelos seis continentes – *une première*, devido a um vírus extremamente contagioso e letal em muitos casos. Tal situação inédita e atípica obriga cada um de nós a refletir sobre sua condição de vida, um efeito do mundo real sobre os mundos mentais. Sem poder prever ainda quais serão as consequências sobre o pensamento e, conseqüentemente, nas manifestações da arte em geral, constatamos que esse vírus e seus danos sociais não foram suficientes para interromper as polêmicas políticas e que o negacionismo, quando se exprime abertamente, redobra o confinamento biológico pela censura do pensamento crítico.

Junia Barreto  
Universidade de Brasília